

O DESERTOR

DANIEL SILVA

O DESERTOR

Tradução de
VASCO TELLES DE MENEZES



*Para Marilyn Ducksworth,
pelos muitos anos de amizade,
apoio e gargalhadas*

*E, como sempre, para a minha mulher, Jamie,
e para os meus filhos, Nicholas e Lily*

Se for necessário fazer mal a um homem, então que seja de tal forma grave, que não haja razão para temer a sua vingança.

MAQUIAVEL

PRIMEIRA PARTE

JOGADAS DE ABERTURA

CAPÍTULO

1

PROVÍNCIA DE VLADIMIRSKAYA, RÚSSIA

Pyotr Luzhkov estava prestes a ser morto e sentia-se grato por isso.

Estava-se no fim de outubro, mas o outono já era apenas uma memória. Tinha sido curto e desagradável, como uma velha *babushka* a despir apressadamente um vestido coçado. E agora isto: céus carregados, frio ártico, neve fustigada pelo vento. O plano de abertura do interminável inverno russo.

Pyotr Luzhkov, de tronco nu, descalço, com as mãos amarradas atrás das costas, mal se dava conta do frio. Na verdade, naquele momento, teria até dificuldade em lembrar-se do próprio nome. Julgava estar a ser levado por dois homens por uma floresta de bétulas adentro, mas não tinha a certeza. Fazia sentido que estivessem numa floresta. Era o sítio onde os russos gostavam de tratar dos seus assuntos sanguíneos. Kurapaty, Bykivnia, Katyn, Butovo... Sempre em florestas. Luzhkov estava prestes a juntar-se a uma grandiosa tradição russa. Luzhkov estava prestes a ser agraciado com uma morte no meio das árvores.

Havia um outro costume russo quando se tratava de matar: infligir dor intencionalmente. Pyotr Luzhkov tinha sido

obrigado a escalar montanhas de dor. Tinham-lhe partido os dedos todos. Tinham-lhe partido os braços e as costelas. Tinham-lhe partido o nariz e o maxilar. Tinham-no espancado mesmo já depois de estar inconsciente. Tinham-no espancado porque lhes tinham dito para o fazerem. Tinham-no espancado porque eram russos. Só pararam enquanto bebiam vodca. Quando a vodca acabou, espancaram-no ainda com mais força.

Agora, encontrava-se na etapa final da sua travessia, a longa caminhada até uma sepultura não identificada. Os russos tinham uma designação para isso: *vysbaya mera*, a mais grave forma de punição. Normalmente, era reservada aos traidores, mas Pyotr Luzhkov não tinha traído ninguém. Fora enganado pela mulher do patrão e o patrão perdera tudo por causa disso. Alguém tinha de pagar. Mais cedo ou mais tarde, toda a gente acabaria por pagar.

Agora, conseguia ver o patrão, em pé, sozinho, no meio dos troncos em forma de pau de fósforo das bétulas. Casaco de cabedal preto, cabelo cor de prata, cabeça parecida com a torre de um tanque. Estava a olhar para a pistola de grande calibre que tinha na mão. Luzhkov tinha de lhe tirar o chapéu. Não havia assim tantos oligarcas com estômago para tratarem eles próprios das suas execuções. Mas a verdade é que também não havia assim tantos oligarcas como ele.

A sepultura já tinha sido cavada. O patrão de Luzhkov inspecionava-a com grande atenção, como se estivesse a calcular se era suficientemente grande para pôr lá um corpo. Ao ser forçado a ajoelhar-se, Luzhkov sentiu o cheiro característico da água de colónia. Sândalo e fumo. O cheiro do poder. O cheiro do diabo.

O diabo deu-lhe mais um soco na cara. Luzhkov não o sentiu. A seguir, o diabo encostou-lhe a pistola à nuca e desejou-lhe uma ótima noite. Luzhkov teve um vislumbre cor-de-rosa do seu próprio sangue. A seguir, escuridão. Estava finalmente morto. E sentia-se grato por isso.

CAPÍTULO

2

LONDRES: JANEIRO

O assassinio de Pyotr Luzhkov passou em grande parte despercebido. Ninguém o chorou; não houve mulheres a vestirem-se de preto por ele. Não houve polícias a investigarem a sua morte nem jornais russos que se tivessem dado ao trabalho de a noticiar. Não em Moscovo. Não em Sam-petersburgo. E sem dúvida que na cidade russa por vezes conhecida como Londres também não. Mas se os ecos da morte de Luzhkov tivessem chegado a Bristol Mews, a casa do coronel Grigori Bulganov, o desertor e dissidente russo, este não teria ficado surpreendido, ainda que neste caso tivesse experimentado uma súbita angústia motivada pela culpa. Se Grigori não tivesse fechado o pobre Pyotr dentro da caixa-forte de Ivan Kharkov, o guarda-costas ainda poderia estar vivo.

Entre os lordes de Thames House e de Vauxhall Cross, os quartéis-generais à beira-rio do MI5 e do MI6, Grigori Bulganov desencadeara sempre grande fascínio e considerável discussão. As opiniões eram diversas, mas a verdade é que normalmente era isso que acontecia quando os dois serviços eram obrigados a tomar uma posição sobre o mesmo assunto. Era uma dádiva dos deuses, apregoavam os seus apoiantes. Na melhor das hipóteses, tinha tanto de bom

como de mau, resmungavam os seus detratores. Ficou famosa a descrição feita por um espirituoso do último andar de Thames House, referindo-se a ele como o desertor de que Downing Street precisava tanto como de um telhado que deixasse entrar água — como se Londres, que agora acolhia mais de duzentos e cinquenta mil cidadãos russos, tivesse espaço para mais um descontente determinado em arranjar sarilhos ao Kremlin. O homem do MI5 tinha deixado registada oficialmente a sua profecia de que, um dia, iriam todos arrepender-se da decisão de conceder asilo e um passaporte britânico a Grigori Bulganov. Mas até ele ficou surpreendido com a rapidez com que esse dia chegou.

Como antigo coronel da divisão de contraespionagem do Serviço Federal de Segurança da Federação Russa, mais conhecido como FSB, Grigori Bulganov dera à costa no verão anterior, como derivado inesperado de uma operação de espionagem multinacional organizada contra um tal Ivan Kharkov, oligarca russo e traficante de armas internacional. Apenas um punhado de agentes britânicos teve conhecimento da verdadeira amplitude do envolvimento de Grigori no caso. E ainda menos sabiam que, se não fosse pela sua ação, uma equipa inteira de agentes israelitas poderia ter sido morta em solo russo. Tal como os desertores do KGB que o precederam, Grigori desapareceu durante uns tempos num mundo de casas seguras e herdades isoladas no campo. Atuando em conjunto, uma equipa anglo-americana submeteu-o a um interrogatório constante, dia e noite, primeiro acerca da estrutura da rede de tráfico de armas de Ivan, para a qual Grigori tinha trabalhado como agente pago, motivo de grande vergonha, e a seguir sobre as artes do ofício do serviço de segurança a que pertencera. Os interrogadores britânicos acharam-no encantador; os americanos, menos,

fazendo questão de continuar a apertar com ele, o que na linguagem da CIA significava submetê-lo a um teste com um detetor de mentiras. Passou com distinção.

Quando os interrogadores se mostraram satisfeitos e chegou a altura de decidir o que fazer com ele, os sabujos dos serviços de segurança internos levaram a cabo avaliações altamente secretas e emitiram as suas recomendações, também em segredo. No final de todo o processo, considerou-se que Grigori, embora caído em desgraça entre os seus antigos camaradas, não enfrentava nenhuma ameaça grave. Mesmo o outrora temido Ivan Kharkov, que estava a lamber as feridas na Rússia, foi considerado incapaz de realizar uma ação concertada. O desertor fez três pedidos: queria manter o nome, morar em Londres e não ter nenhum dispositivo de segurança visível à sua volta. Estar escondido à vista de toda a gente, sem que ninguém reparasse nele, dar-lhe-ia, defendeu ele, o máximo de proteção possível dos seus inimigos. O MI5 concordou prontamente com as suas exigências, em especial a terceira. Para as equipas de segurança, era necessário dinheiro, e podia dar-se melhor uso aos recursos humanos noutros campos, nomeadamente contra os extremistas *jihadis* de produção caseira, dentro da própria Grã-Bretanha. Compraram-lhe uma pequena e adorável casinha, fruto da reconversão de uma antiga cavalaria, num local isolado em Maida Vale, atribuíram-lhe uma remuneração mensal generosa e efetuaram um único depósito num banco da City que teria causado certamente escândalo se o montante tivesse vindo alguma vez a público. Um advogado do MI5 negociou discretamente um acordo para a escrita de um livro, junto de uma respeitada casa editorial londrina. O montante do adiantamento foi recebido com espanto entre os membros mais importantes de ambos os serviços, que estavam também

eles, na sua maioria, a trabalhar nos seus próprios livros — em segredo, claro.

Durante um tempo, parecia que Grigori iria ser uma das aves mais raras no mundo dos serviços secretos: um caso sem complicações. Fluente em inglês, lançou-se à vida em Londres com a voragem de um prisioneiro libertado a tentar compensar o tempo perdido. Frequentava os teatros e fazia o circuito dos museus. Leituras de poesia, balé, música de câmara: ia a todas essas coisas. Começou a trabalhar no seu livro e almoçava uma vez por semana com a sua editora, que por acaso era uma beldade de trinta e dois anos, com pele de porcelana. A única coisa que lhe faltava na vida era o xadrez. O agente do MI5 responsável por ele sugeriu-lhe que se inscrevesse no Central London Chess Club, uma venerável instituição fundada por um grupo de funcionários públicos durante a Primeira Guerra Mundial. A sua ficha de inscrição era uma obra-prima quanto a ambiguidade. Não fornecia qualquer morada, número de telefone fixo, telemóvel ou endereço de correio eletrónico. A sua profissão era descrita como «serviços de tradução» e o empregador como «o próprio». No espaço para enumerar uma lista de passatempos ou quaisquer outros interesses, tinha escrito «xadrez».

Mas nenhum caso de grande envergadura se encontra alguma vez inteiramente livre de controvérsia — e os veteranos alertaram para o facto de nunca terem conhecido um desertor, sobretudo um desertor russo, que não perdesse as estribeiras de tempos a tempos. Grigori perdeu-as no dia em que o primeiro-ministro britânico anunciou que uma importante conspiração terrorista tinha sido desmantelada. Segundo parecia, a Al-Qaeda planeava abater em simultâneo vários aviões a jato com recurso a mísseis antiaéreos russos — mísseis

que tinham sido adquiridos ao antigo benfeitor de Grigori, Ivan Kharkov. No espaço de vinte e quatro horas, Grigori viu-se sentado em frente das câmaras da BBC, afirmando que tinha desempenhado um papel fundamental em toda aquela questão. Nos dias e semanas que se seguiram, continuaria a ser uma presença assídua na televisão, na Grã-Bretanha e em muitos outros locais. Com o seu estatuto de celebridade agora cimentado, começou a frequentar os círculos dos emigrantes russos e a andar na pândega com dissidentes russos de toda a espécie. Seduzido pela atenção repentina, utilizou a sua recém-descoberta fama como uma plataforma para lançar acusações desabridas ao seu antigo serviço de segurança e ao presidente russo, o qual caracterizava como um Hitler em potência. Quando o Kremlin respondeu com rumores e burburinhos desconfortáveis sobre russos a planearem um golpe em solo britânico, o agente responsável por Grigori sugeriu-lhe que amenizasse um pouco o seu discurso. E também o fez a sua editora, que queria guardar alguma coisa para o livro.

Contra a sua vontade, o desertor passou a não dar tanto nas vistas, mas a diferença foi mínima. Em vez de provocar conflitos com o Kremlin, concentrou a sua considerável energia no livro que estava para sair e no xadrez. Nesse inverno, entrou no torneio anual do clube e foi avançando sem dificuldades na sua categoria — como um tanque russo irrompendo pelas ruas de Praga, queixou-se uma das suas vítimas. Nas meias-finais, derrotou o campeão em título sem qualquer esforço. A vitória na final parecia inevitável.

Na tarde da final do campeonato, almoçou no Soho com um jornalista da *Vanity Fair*. Ao regressar a Maida Vale, comprou nos Clifton Nurseries uma planta para a casa e foi

levantar um conjunto de camisas à lavandaria, na Elgin Avenue. Depois de uma curta sesta, um ritual antes de qualquer jogo, tomou banho e vestiu-se para a batalha, deixando a sua casa poucos minutos antes das seis.

Tudo isso explica por que motivo estava Grigori Bulgakov, desertor e dissidente, a atravessar a Harrow Road, em Londres, às 18h12, na segunda terça-feira de janeiro. Por razões que seriam esclarecidas mais tarde, caminhava num ritmo mais rápido do que o normal. Quanto ao xadrez, era naquele momento a última coisa que lhe passava pela cabeça.

O jogo estava marcado para as seis e meia da tarde, no local habitual do clube, a Lower Vestry House da St. George's Church, em Bloomsbury. Simon Finch, o adversário de Grigori, chegou às seis e um quarto. Sacudindo a água da chuva do impermeável, olhou de soslaio para três avisos afixados no painel informativo que havia no átrio. Um proibia que se fumasse, outro alertava para que não se impedisse o corredor em caso de incêndio e o terceiro, afixado pelo próprio Finch, exortava todos aqueles que utilizassem as instalações para reciclarem o lixo que fizessem. Nas palavras de George Mercer, presidente do clube e campeão por seis vezes, Finch era «um chato de Camden Town», que vinha adornado com todas as necessárias convicções políticas da sua tribo. Libertem a Palestina. Libertem o Tibete. Fim ao genocídio no Darfur. Fim à Guerra do Iraque. Reciclar ou morrer. A única causa em que Finch parecia não acreditar era no trabalho. Descrevia-se a si mesmo como «um ativista social e jornalista *freelancer*», o que Clive Atherton, o tesoureiro reacionário do clube, traduzia com precisão como «preguiçoso

e chupista». Mas até mesmo Clive era o primeiro a admitir que o xadrez de Finch era extraordinariamente sedutor: fluido, artístico, instintivo e impiedoso como uma serpente. «A educação dispendiosa do Simon não foi um desperdício completo», gostava de dizer Clive. «Apenas mal empregada.»

O seu apelido dava a ideia errada¹, já que Finch era comprido e lânguido, com cabelo castanho fraco que lhe caía quase até aos ombros e óculos com armações de metal que lhe intensificavam o olhar firme e resolutivo de revolucionário. Naquele momento, tinha acabado de acrescentar um quarto item ao painel (uma carta muito lisonjeira da Regent Hall Church, a agradecer ao clube por ter organizado o primeiro torneio anual de xadrez do Exército de Salvação em favor dos sem-abrigo), e a seguir deslizou pelo corredor exíguo até ao vestiário improvisado, onde pendurou o casaco no cabide com rodinhas. Na *kitchenette*, enfiou vinte dinheiros num mealheiro gigante em forma de porco, pegou numa cafeteira de prata com a inscrição CLUBE DE XADREZ e serviu-se de uma chávena de café morno. O Jovem Tom Blakemore (uma alcunha que dava igualmente a ideia errada, já que o Jovem Tom tinha pelo menos oitenta e cinco anos) chocou contra ele à saída da *kitchenette*. Finch pareceu nem reparar. Mais tarde, entrevistado por um homem do MI5, o Jovem Tom revelou que não ficara ofendido. Afinal de contas, não havia um único membro do clube que desse a Finch a mínima oportunidade de ganhar a taça de campeão. «Ele parecia um

¹ Referência ao facto de em inglês a palavra *finch* ser utilizada para classificar todo o tipo de pequenas aves canoras, como os pardais, os picos, os tentilhões ou os canários. (N. do T.)

homem a ser levado para o cadafalso», disse o Jovem Tom. «Só faltava o capuz preto.»

Finch entrou na arrecadação e, de uma fila de prateleiras a ceder, retirou um tabuleiro, uma caixa com peças, um relógio analógico de torneio e uma folha para as pontuações. Com o café numa mão e o material para o jogo cuidadosamente equilibrado na outra, entrou na sala principal da sacristia, com paredes cor de mostarda e quatro janelas encardidas: três com vista para os passeios da Little Russell Street e uma quarta que dava para o pátio. Na parede, por baixo de um pequeno crucifixo, estava pendurado o quadro do torneio. Havia ainda um jogo por disputar: S. FINCH *VERSUS* G. BULGANOV.

Finch virou-se e examinou a sala. Seis mesas de cavalete tinham sido instaladas para as disputas da noite, uma reservada para a final do campeonato e as restantes para os jogos normais — os «amigáveis», na linguagem específica do clube. Ateu convicto, Finch escolheu o sítio mais afastado do crucifixo e preparou-se metodicamente para a contenda. Verificou se a ponta do lápis estava afiada e escreveu a data e o número do tabuleiro na folha para as pontuações. Fechou os olhos e viu o jogo tal como tinha esperança que se desenrolasse. A seguir, quinze minutos depois de se sentar no seu lugar, olhou para o relógio: 18h42. Grigori estava atrasado. «Estranho», pensou Finch. O russo nunca se atrasava.

Finch começou a mover as peças na sua cabeça (viu um rei tombado de lado, resignado, viu Grigori a abanar a cabeça em sinal de vergonha) e observou a marcha implacável do relógio.

18h45... 18h51... 18h58...

«Onde é que estás, Grigori?», pensou. «Onde é que estás, raios?»

Em última análise, o papel de Finch seria menor e, na opinião de todos os envolvidos, misericordiosamente breve. Houve quem quisesse investigar com maior atenção algumas das suas ligações políticas mais deploráveis. E houve quem se recusasse a tocar nele, ajuizando corretamente que Finch era um homem que, acima de tudo, se deleitaria com uma boa discussão em público com os serviços de segurança. No entanto, no final de tudo, ficaria estabelecido que o seu único crime tinha sido de desportivismo. Porque às 19h05 em ponto (a hora registada pela sua própria mão na folha oficial para as pontuações) exerceu o direito de reclamar vitória por desistência do adversário, tornando-se assim o único jogador na história do clube a ganhar a final do campeonato sem mexer uma única peça. Era uma honra duvidosa, algo que os jogadores de xadrez dos serviços secretos britânicos nunca iriam verdadeiramente perdoar.

Ari Shamron, o lendário mestre espião israelita, diria mais tarde que nunca tinha corrido tanto sangue desde um começo tão humilde. Mas até mesmo Shamron, que incorria em ocasionais floreios retóricos, sabia que o comentário estava longe de ser exato. Pois os acontecimentos que se seguiram tiveram a sua verdadeira origem não no desaparecimento de Grigori, mas numa contenda fabricada pelo próprio Shamron. Grigori, confidenciaria ele aos seus mais devotos acólitos, tinha sido apenas um aviso à complacente comunidade internacional. Uma luz de sinalização numa longínqua torre de vigia. E o isco utilizado para levar Gabriel a mostrar-se.

Na noite seguinte, a folha para as pontuações encontrava-se na posse do MI5, juntamente com o livro de registos

de todo o torneio. Os americanos foram informados do desaparecimento de Grigori vinte e quatro horas mais tarde, mas, por razões nunca explicadas por inteiro, os serviços secretos britânicos esperaram quatro longos dias até acabarem por comunicar o facto aos israelitas. Shamron, que combatera na guerra pela independência de Israel e que odiava os ingleses desde então, classificou a demora como previsível. Num espaço de poucos minutos, estava ao telefone com Uzi Navot, dando-lhe ordem de marcha. Navot obedeceu com relutância; era aquilo que fazia melhor.